



GT 1 - SUPER-HERÓIS

Quinta-feira – 08/10 – das 14h às 17h

Coordenador: Francisca Jaqueline de Souza Viração

LOIS LANE: MOCINHA OU SUPER-HEROÍNA? 82 ANOS DE NARRATIVAS MASCULINAS SOBRE UMA DAS PERSONAGENS MAIS CONHECIDAS DO UNIVERSO DOS QUADRINHOS

Francisca Jaqueline de Souza Viração¹

O presente trabalho pretende investigar a construção da personagem Lois Lane ao longo dos seus 82 anos. Quais mudanças e permanências ficaram, que construíram o imaginário de uma repórter durona e eterna namorada do Superman. Sua primeira aparição foi na Action Comics #1, já na primeira história do Superman, praticamente a identidade da personagem foi construída por sua relação com Clark/Superman, sua importância para o maior super-herói do universo dos quadrinhos é tão grande, que este trabalho questiona se ela é uma mocinha ou uma super-heroína, parceira do Superman.

A proposta metodológica é inspirada na de Iuri Andréas Reblin em sua tese sobre a superaventura, a de que a superaventura acima de tudo é uma narrativa que “estão relacionadas à criação e à manutenção do universo simbólico do ser humano” (REBLIN, 2012: 75). E, também, na investigação da história em quadrinhos de acordo com sua era (ouro, prata, bronze, moderna), fase editorial, década e artistas. E na jornada do herói proposto por Joseph Campbell em “O herói de mil faces”, para investigar onde Lois está na história do Superman, ou se tem uma jornada do herói própria. Não levou em consideração as imagens televisivas e cinematográficas da personagem, nem sagas especiais, basicamente este artigo considerou a construção narrativa da personagem na canonicidade dos quadrinhos, segundo Glen Weldon, em “Superman, uma biografia não autorizada.”

Porém o artigo vai além, pretende ver Lois também com relação ao gênero, no sentido que ela quase sempre foi escrita exclusivamente por homens. E a Lois de seus criadores representa um ideal romântico de dois adolescentes, que a criaram como uma jornalista forte, decidida e sensual, baseada em uma paixão adolescente secreta de Jerry Siegel. Portanto, o primeiro ponto para compreender Lois Lane são seus criadores. E o segundo as transformações sociais ocorrida na vida das mulheres ao longo das décadas.

Em toda a construção mitológica do Superman, mito aqui entendido como uma narrativa, cuja história serve para dar significado ao homem. Lois parece existir para Clark e não para o Superman. Desde o início o triângulo amoroso de duas pessoas está presente, porém na Action Comics #1, Clark a convida para sair antes de Superman aparecer. Porém, a forma

¹ Doutoranda em Teologia, Faculdades EST, jaqueline.souza@urca.br



como Clark cede uma dança para outro pretendente, irrita Lois. Clark aparenta um covarde, ou um homem não viril o suficiente para ser homem para ela.

Lois se envolve em uma confusão com malfeitores e Superman a salva, já na primeira história, parece evidente o drama de dois adolescentes nerds sendo transplantada para sua criação, a dificuldade de se relacionar. Lois é tanto inspirada em Lois Amster, paixão de Jerry Siegel na escola, como na personagem Jane Arden, uma repórter investigativa que tinha sua própria revista. Mas Lois Lane seria reduzida apenas a isto? Sua importância está no fato de ser apenas a namorada do herói?

A complexidade de Lois cresce na mesma proporção de sua importância para Clark. Na Era de Prata, devido as consequências da publicação de “A sedução do inocente” de Fredric Wertham, Lois se tornou uma personagem preocupada mais em se casar, do que com sua profissão. Ela ainda continua repórter, mas sem mais a garra da Era de Ouro, e sua relação com Clark muda um pouco, agora ela está obcecada em provar que ele é o Superman.

Na Era de Bronze, Lois se torna um pouco mais relevante. Tem inclusive uma clássica história, onde ela é negra por um dia, para escrever a realidade dos afro-americanos sentindo na pele o que é ser uma mulher negra. Mas somente na fase pós-Crise, com John Byrne, Lois retornará a ser uma repórter relevante, não apenas rivalizando com Clark, mas o superando.

Em seu reboot O Homem de Aço, Byrne parece querer resolver o mal-entendido da Action Comic #1. Clark é viril, não esconde seus músculos, Lois percebe isso quando visita seu apartamento e vê aparelhos e pesos de musculação. Esta é a forma que Byrne encontrou para explicar os músculos exagerados de um repórter pacato. O triângulo amoroso de duas pessoas retorna, paulatinamente Lois vai se apaixonando por Clark, que só depois revela sua identidade secreta.

Na fase byrniana a personagem cresce, na década de 90 ela se casa com Clark, e na fase pós-Novos 52, tem um filho com ele. As mudanças, apesar de profundas, parecem apontar para uma evolução lógica: colega de trabalho, namorada, noiva, esposa, mãe. Parece que tudo gira em torno de sua relação com Clark, pouco se sabe dela, naquilo que não está envolvido com o Superman. Qual sua origem? Suas paixões, antes de Clark? Seus amigos, seus gostos, enfim. Quem é Lois Lane, sem Clark Kent? A tese deste artigo é que ela não existe sem Clark, foi criada para Clark, assim como Clark não faz sentido sem ela. E neste sentido, Superman pode existir se Clark não faz sentido?

Na narrativa de origem do Superman, apresentado tanto na Action Comics #1, como na Superman #1, a ideia de que é a criação humana que recebeu de seus pais, que faz Clark um herói, o dever de ajudar a humanidade com seus poderes. Quando adulto, em Metrópolis, quem ocupará esta função é Lois. Insistir em ter um emprego, uma identidade secreta, estar literalmente no chão, só faz sentido para Clark Kent, pois ele é a humanidade do Superman. Clark, por sua vez, precisa de algo que faça valer a pena ser humano, por isso Lois está lá, desde o início.

O fato é que Lois sempre foi descrita como uma mulher moderna, em todos os significados que mulher moderna teve ao longo dos últimos 82 anos, na perspectiva dos



homens que a criaram e recriaram. Caracterizada como inteligente, bem sucedida, independente, linda, seria Lois a idealização perfeita de uma mulher que todo homem adoraria “domar”? Esta pergunta, com cunho sexual é interessante de ser feita, já que muitas vezes, as narrativas transparecem que ela é “muita areia” para Clark, mesmo sendo ele o maior herói da Terra. A insegurança de Clark em relação a Lois seria a maior prova de sua humanidade?

Se segundo Reblin, a superaventura é uma narrativa que tem por objetivo a manutenção do universo simbólico da humanidade, qual sentido faz para um ser poderoso, como um kryptoniano na Terra, se sujeitar a todas as limitações de um ser humano, sem uma motivação, uma causa maior? Devotar a vida para defender os fracos e oprimidos, poderia ser feita sem os óculos e o terno, só com a capa, até mesmo por gratidão aos pais humanos que o criaram. Mas é só o amor que Clark sente por Lois, que o faz escolher continuar a viver como ser humano.

Kal-El pode continuar a “salvar” a humanidade como Superman, mas ele escolhe fazer isto sendo Clark, e Clark não faz sentido, sem Lois, portanto, este artigo defende que ela é muito mais do que “a donzela indefesa”. Ela chega a ser quase uma super-heroína ao lado de Superman, sua parceira, pois seu relacionamento com Clark, lhe exige que viva desafios, quase tão complexos e grandiosos quanto Superman, quase uma jornada do herói particular, ao lado do herói. E quando mais seu relacionamento foi se estreitando com Clark, mais Lois ganhou importância e desafios, dignos de uma super-heroína.

Quando descobriu sua identidade secreta, Lois se viu em um grande dilema ético, tinha o maior “furo” de reportagem nas mãos, mas se tratava de seu namorado. Ao saber que namora um kryptoniano, Lois aceita correr todos os riscos implicados a isto. Ele sente como um humano? É possessivo? Ciumento? Carinhoso? E o maior risco de todos, Lois assume correr risco de vida, toda vez que tem relações sexuais com Clark, há risco de morrer, caso ele se empolgue demais? O tamanho dos riscos que Lois assume, releva o tamanho do amor que sente por ele, a confiança depositada neste “estranho visitante de outro planeta” e conseqüentemente sua importância para Clark.

Ao gerar um filho de Clark, uma gravidez única no universo, um ser híbrido entre humano e kryptoniano, dúvidas como: nascerá saudável? Terei um filho monstro? O feto irá se desenvolver até o fim da gravidez? Eu posso morrer por entrar em contato com material genético kryptoniano, ou simplesmente se o bebê chutar? São absolutamente normais, para qualquer mulher na condição da Lois. Mas por que estes riscos e dúvidas não aparecem nos quadrinhos? Ou pelo menos, de forma clara e evidente? A hipótese deste artigo, é que Lois é construída por homens e não por mulheres.

Em 82 anos, poucas mulheres foram roteirista do Superman, três merecem destaque, Louise Simonsen, que foi uma das roteiristas da história do casamento em 1996; Gail Simone, que escreveu algumas histórias junto com John Byrne no início dos anos 2000, Action Comics 827 a 835 e Barbara Kessel, que escreveu Superman: Lois Lane, de 1998. Todas estas histórias, especialmente a última, merecem análises mais profundas a serem feitas em artigo posterior. Mas o fato é que, apesar do Superman ter escritoras, a imagem de Lois, sem dúvida nenhuma é masculina.



Apesar de não ser objeto de pesquisa deste artigo outras imagens de Lois, fora dos quadrinhos, uma comparação precisa ser feita. Por que a atriz Teri Hatcher, que interpretou a personagem no seriado dos anos 90, *Lois & Clark, as novas aventuras do Superman*, é considerada pelos fãs e críticos, como a perfeita encarnação de Lois Lane? Será que isto se deve somente as habilidades de Hatcher como atriz? Ou também ao fato que o seriado foi criado por uma mulher, Deborah Joy LeVine?

A Lois de Hatcher só pode ser a “perfeita encarnação da personagem”, se ela corresponder a idealização masculina das HQ’s. Então o que LeVine fez, não foi criar uma outra Lois, mas revelar as “camadas” da personagem, que as mentes masculinas que a criaram nas hq’s não conseguiam enxergar. Mas nada disso responde à pergunta de quem é Lois Lane, mocinha ou super-heroína, este artigo defende que ela está neste espectro, com uma identidade móvel entre um conceito e outro. Ela não é uma super-heroína, pois não tem um mito de origem, nem uma causa de luta, porém passa longe de ser apenas a namorada do herói.

Palavras-chave: Lois Lane; mocinha; super-heroína.

Referências:

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix, 1989.

REBLIN, Iuri Andréas. **A superaventura: da narrativa e sua expressividade à sua potencialidade teológica**. São Leopoldo: EST, tese de doutorado. 2012.

WELDON, Glen. **Superman, uma biografia não autorizada**. São Paulo: Leya, 2016.